

## A CRÔNICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA E SEUS NOVOS “ESPAÇOS”

Luis Eduardo Veloso Garcia (UNESP/Araraquara)<sup>1</sup>

**Resumo:** Relacionada ao suporte do jornal impresso como um elemento definidor de seu estilo e característica, o gênero crônica viu, nas últimas décadas, a abertura de novos suportes para a sua produção integral através da Internet. O trabalho em questão procurará apontar, então, uma leitura sobre os novos espaços que compreendem a crônica brasileira contemporânea, levando em consideração duas perspectivas de significação de espaço: o espaço onde a crônica é produzida na atualidade, os seus suportes, a sua materialidade, e os espaços representados dentro do espaço literário do texto, dos quais o ciberespaço se apresenta como um caminho incontornável no tempo presente.

**Palavras-chave:** Crônica brasileira. Literatura contemporânea. Espaço. Suporte.

### A crônica brasileira e seus suportes

*Suporte: material que serve de base para a impressão do texto; tipo de página (de jornal, revista ou livro) em que o texto é publicado.*

Jorge de Sá


Quando o teórico Jorge de Sá escreveu, em 1985, essa definição sobre suporte, que se encontra presente no livro *A Crônica*, não existia a mínima suspeita de que um dia os suportes digitais seriam da maneira que se conhece atualmente e, mais ainda, fossem capazes de abrigar o gênero crônica com tanta capacidade.

O entendimento de suporte passa, então, pelo material no qual será colocado o texto, levando em consideração o tipo de página. Se para Jorge de Sá, no ano em que lançou seu livro, os tipos de páginas existentes para a crônica eram o jornal, a revista e o livro, como ficará uma atualização desse princípio pelos olhos da segunda década do século XXI, mais de 30 anos depois da afirmação do autor? Essa é uma das perguntas centrais que este capítulo procurará responder.

Além da questão do material, pode-se pensar alguns desdobramentos partindo dos suportes, como é o caso da reflexão de a qual público a crônica se dirige e o modo pelo qual a comunicação com ele ocorre (a linguagem usada). Tais preocupações colaboram para uma leitura da relação da crônica com o mercado, afinal, se existe um texto sendo transposto para um suporte, conseqüentemente, existirá um público-alvo que configura esse esforço de trazer o material para as páginas (sejam elas impressas ou digitais).

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras/Francês (UENP), Mestre em Estudos Literários (UEL) e doutorando em Estudos Literários (UNESP/Araraquara). Atualmente professor de Literatura Brasileira na UENP-Jacarezinho. Contato: luis.garcia@uenp.edu.br.



A literatura pode exemplificar bem isso com seus nichos de públicos direcionados ao consumo de diversas frentes, dos livros para leitores de best-sellers até aqueles livros teóricos que têm o consumo direcionado aos meios acadêmicos.


No entanto, quando o assunto do entendimento mercadológico é apontado para a crônica, a situação se torna ainda mais complexa, pois sua origem junto ao jornal a entrelaça a todos os sentidos do jornalismo, que por si só carrega uma intenção mercadológica antes mesmo de atingir qualquer possibilidade literária. Isso não significa, obviamente, que o valor literário não se configura nesses textos, pois como nos lembra Humberto Werneck (2014), “a crônica é uma literatura que nasce nesse espaço seco e úmido, entre a terra, que é o jornalismo, e a água, que é a literatura. Ela brota nesses vazios”.

Saber quem são os consumidores dos suportes em que a crônica é produzida pode ser um princípio mercadológico necessário para chegar a um consenso teórico do gênero, afinal, ao nascer no espaço legitimamente mercadológico do jornalismo, sua própria linguagem não pode seguir o caminho de outros gêneros literários.

Entre as hipóteses fundamentais que defendo no trabalho, uma delas é a de que os suportes pautam, diretamente, algumas características primordiais dos textos que carregam, e com a crônica isso não é diferente, como poderá ser visto aqui em sua relação com o suporte impresso dos jornais e os suportes digitais que se configuram no tempo presente.

A narração dos fatos locais, que atingiam diretamente autor e leitor, foi uma das primeiras formas que a crônica usou para atrair a atenção necessária pela empatia construída com o público consumidor do jornal. No mesmo processo, vieram características como a linguagem coloquial, a procura estilística do diálogo, a leveza no trato dos assuntos e, obviamente, as dimensões curtas do tamanho do texto para que a sua leitura fosse rápida. Todos esses pontos afirmavam – ainda afirmam? – o caráter mercadológico do texto cronístico.

Como pode-se observar, esses traços canônicos estão intimamente ligados ao jornalismo, e conseqüentemente, ao suporte inicial da crônica, o jornal impresso. Uma das dúvidas a serem respondidas é se houve alguma alteração desses atributos na passagem do gênero para o suporte digital.




Para apresentar uma linha histórica da crônica relacionada aos suportes em que foi transposta no decorrer dos anos de sua prática, tem-se que apontar o jornal impresso como o pontapé inicial, a passagem para os livros e revistas na sequência, até chegar aos suportes digitais com seus e-mails, blogs, páginas especializadas e redes sociais (como o *Facebook*, por exemplo).

A intenção do trabalho para elucidar as questões do gênero juntamente com o suporte do jornal impresso é confirmar, não só as configurações formais que marcam até hoje a crônica, mas também a compreensão dos trâmites mercadológicos que a delimitaram, sempre com a preocupação de destacar que esses não foram capazes de barrar a qualidade literária demonstrada por grandes cronistas no decorrer dos anos de sua prática.

Com o intuito de ultrapassar a defasagem temporal da teoria dos suportes para a crônica levantada por Jorge de Sá, pode-se ver a definição de “suporte” encontrada no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, s/n), que além da parte semelhante, na qual diz que se trata de uma “base física na qual se registram informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc”, já aponta para os suportes digitais, ou que suporte também pode ser visto em computadores através de “material, como disco, fita magnética etc., destinado a receber a informação”.

Os suportes que irei tratar estão relacionados às bases encontradas nas páginas digitais que, não necessariamente, precisam ser transpostas a outro material para se configurar a representação textual (diferentemente dos objetos listados no dicionário citado anteriormente – disco, fita magnética), ou como define o *Dicionário Online Caldas Aulete* (s/a, online), a “página digital” trata-se de um “documento que se pode acessar na *web* da internet”.

Minha leitura dos suportes digitais em que a crônica é representada nas páginas da web seguirá o trajeto histórico que acompanha a popularização da Internet em nosso país, mais precisamente da segunda metade da década de 1990 até os dias atuais, cuja sequência de suportes observados será a seguinte: primeiramente, a presença do gênero nos e-mails, com um grande número de correntes (muitas delas, com textos apócrifos, como será observado); depois, a consagração da crônica nos blogs (a tal ponto de ganharem o neologismo “blônicas”, formado pela soma da palavra blog com crônicas);



e por último, a maneira como as redes sociais – e, mais precisamente, a linguagem básica do *Facebook* – consomem e praticam o gênero.

Outra característica básica da crônica que envolve diretamente seu relacionamento com o jornalismo e que deve ser pensada: o retrato subjetivo do cotidiano local do cronista.


Esse traço é visto pelos teóricos canônicos do gênero como um espelho natural do jornalismo, como já citei no início desse trecho, pois ao trazer o espaço de convivência do próprio autor em seu dia a dia – espaço esse limitado, inicialmente, a sua rua, bairro ou cidade –, constrói-se a empatia necessária com o público que conhece e divide os mesmos trajetos, exatamente como funciona nos procedimentos jornalísticos – as notícias atraem o interesse de seus consumidores conforme a proximidade com suas realidades.

Por se tratar de um reflexo contundente do jornalismo e as teorias sobre essa temática terem sido desenvolvidas em épocas em que os suportes digitais não tinham representação para o gênero, o caráter urbano acaba ganhando força nessa leitura, já que os estudiosos da crônica não tinham a possibilidade de definir um espaço virtual contundente dividido entre o cronista e seu leitor por meio de interações reais e dinâmicas.

Delimitar a concepção da teoria da crônica para a sua leitura de espaço local representado pelo cotidiano do cronista servirá não só como um complemento necessário dos desdobramentos dos suportes em que o gênero se firma, mas também, como um direcionamento para a pergunta chave: se os espaços da internet se configuram como locais de convivência e a crônica tem como suportes esses locais, a configuração de espaços locais retratados dentro do texto pode sofrer alguma alteração?

### **A crônica contemporânea brasileira e seus novos espaços**

Após a passagem pelos suportes em que a crônica é reproduzida, irei tratar nesse trecho das novas configurações de espaço que atingem a crônica contemporânea, tanto pela materialidade dos suportes em que ela é vista nos dias atuais, quanto pela representatividade dos locais que são retratados no espaço literário do gênero no tempo presente.



Como apresenta o *Dicionário Online Caldas Aulete* (s/a, online), o “espaço” pode carregar diversas definições específicas, entre elas, a ideia de ser uma “área de influência ou atuação de um grupo, uma atividade, conhecimento, arte etc. (espaço literário; espaço das crianças)”.


Quando definido como “área de influência ou atuação de um grupo”, a ideia de território dividido por uma comunidade que traz a interação humana em sua maneira mais viva pode ser lida. Quando definido como “uma atividade”, encontra-se nele o olhar para uma possível base onde se produz algo, onde uma atividade se concretiza. Quando definido como “conhecimento, arte”, pode-se pensar a forma que um local (do qual o “grupo” faz parte) é representado numa “atividade”. Procurarei entrelaçar neste trecho as três perspectivas de espaço citadas, todas elas por meio do direcionamento do olhar para o modo em que se pode compreender a crônica contemporânea brasileira.

A ideia do espaço como “área de influência ou atuação de um grupo” será abordada pelas leituras que levantarei das construções sociais da Internet, entendendo nela um verdadeiro modelo de interação social a ser considerado nessa época, afinal, uma plataforma comunicacional com tanto alcance no cotidiano das pessoas com certeza influencia as ações de quem a usa.

Ao partir da reflexão de que o cronista retrata em sua obra o recorte do cotidiano que o cerca e, que por isso mesmo, traz os locais que são compartilhados por ele e os leitores que consomem o texto, a leitura proposta para um olhar na contemporaneidade que leve em consideração os locais da Internet como possíveis concretizações redimensionadas desse exercício cronístico pode se fazer possível.

Se na teoria do gênero os espaços da cidade eram o reflexo das socializações dinâmicas que o autor precisava captar para criar a empatia necessária na crônica, como pode-se falar de socializações humanas nos tempos atuais sem perceber o quanto os lugares da *web* demarcam esse caminho?

Para chegar a esse entendimento, a primeira abordagem que trago será relacionada à definição do espaço da Internet, procurando entender essa nova dimensão geográfica na qual pessoas se encontram e trocam experiências, com interações que, apesar de serem feitas na virtualidade, não podem ser consideradas como inexistentes, afinal, como destaca Pierre Lévy, “uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória” (LÉVY, 1999, p.130).



As interações do espaço virtual, por mexerem diretamente com os envolvidos e trazerem os preceitos de comunidades devidamente recriados naquele local, tornam-se um novo cenário a ser visto no espaço literário da crônica que não pode ser ignorado pelo cronista, e um dos motivos que realça essa escolha está relacionado aos suportes em que o gênero é encontrado e consumido nos dias atuais.

O segundo ponto a discutir, então, refere-se à ideia do espaço como “uma atividade”, vista nos suportes em que a crônica é produzida nos dias atuais, compreendendo ainda a participação dos jornais, revistas e livros em sua base, mas com os novos meios digitais, como os jornais e revistas online, sites e, principalmente, os caminhos das redes sociais.


Nessa parte, se faz necessária uma reflexão sobre as questões atuais de mercado do próprio veículo do jornal, na busca por entender a necessidade de sua transposição para o espaço digital e de que maneira essa passagem chega mercadologicamente para os locais conhecidos das redes sociais.

Impossível não destacar, também, que a participação dos cronistas contemporâneos tem um direcionamento para o diálogo com um público consumidor que não se refere mais claramente ao mesmo público que se encontrava no jornal, mas sim, a um público que interage e coloca em dinâmica real os preceitos das comunidades virtuais em suas participações diretas com o autor pelas redes sociais.

A influência do público e do cronista que dividem o mesmo tempo presente marcado pelo diálogo feito pelos espaços virtuais, com suas próprias linguagens, temas e atitudes, de alguma maneira aparecerá retratada na crônica, afinal, ela precisa colocar em seu espaço literário o cotidiano que é vivido e reconhecido não só pelo seu autor, mas também, por aqueles que compartilham o entendimento do mesmo recorte local.

A definição do espaço de “conhecimento, arte”, através do entendimento da forma que esse novo cotidiano local (que também se coloca como global, como será visto nas teorias dos espaços da Internet) é representado no espaço literário da crônica contemporânea brasileira.

Esse caminho consiste da compreensão dos novos espaços que podem ser observados no gênero atualmente, sendo iniciado pelo levantamento das ideias de três dos principais teóricos sobre a questão do espaço da Internet que procuram elucidar sua



leitura social e as formas de interações humanas que se concretizam nessa tecnologia: Howard Rheingold, Pierre Levy e Manuel Castells.

Como destaca Howard Rheingold, percebe-se atualmente “agregações sociais que emergem da ‘Rede’” formadas por um número significativo de sujeitos que colocam em prática relações pessoais através de ambientes virtuais que consistem “em usuários separados geograficamente” (RHEINGOLD, 1996, p.11).

Segundo Pierre Levy, o que se observa agora é “um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas” (LÉVY, 1999, p.105).

Para Manuel Castells, “a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (CASTELLS, 2015, p.7).


Um caminho importante das proposições desses três nomes é a compreensão do fato de o local se transformar para uma perspectiva global, pois a Internet trabalha com um princípio comunicacional globalizado, no qual as fronteiras geográficas para a interação entre pessoas são devidamente quebradas.

Após o entendimento da influência cultural da Internet diante da sociedade, é importante abordar quais são os suportes em que a crônica circula nos dias atuais, com um destaque especial para os novos suportes digitais e, conseqüentemente, a lógica de mercado que é respeitada por esse gênero no tempo presente.

Entre os pontos a serem vistos, merece destaque a reflexão das grandes dificuldades mercadológicas que o suporte do jornal impresso passa nos últimos anos por causa do advento da Internet como um suporte comunicacional mais dinâmico, e de que maneira ele procura na própria Internet sua sobrevivência.

Também se faz necessário olhar a maneira em que a crônica é consumida nos suportes digitais, levando em consideração o modo que o público chega até ela e, conseqüentemente, faz um trabalho de repercussão do texto completamente diferente do que é feito no jornal impresso.

A leitura apresentada sobre a intencionalidade do cronista em trazer para o espaço literário de seu texto o recorte do “miúdo do cotidiano” que o cerca se mostrará fundamental, pois considero que ela continua com a mesma validade, acrescentando,



somente, algumas novas noções de espaços em que o dia a dia das pessoas pode ser refletido e compartilhado pela perspectiva de comunidade – nesse caso, mais especificamente, para o olhar do espaço da Internet já ser parte, também, constituinte do cotidiano das pessoas.

### **Hipóteses para a perda de referência local na crônica contemporânea brasileira**

Como discuti no trecho anterior do trabalho, a cibercultura é uma realidade muito forte de nosso tempo, a ponto de ressignificar noções de espaço (os novos limites territoriais que são universais e sem barreiras físicas do ciberespaço) e de comunidade (onde todas as dinâmicas sociais se concretizam dentro das comunidades virtuais).


Tal imponência da sociedade de rede, por atingir de maneira direta as pessoas que têm a possibilidade de contato com sua tecnologia (e, também, as pessoas que não podem ter esse acesso, e tornam-se, conseqüentemente, uma leitura da exclusão social dos dias atuais, como bem lembra Castells), não vai deixar a figura do cronista escapar imune de seus princípios, afinal, um sujeito contemporâneo que usa como matéria básica de trabalho na escrita as noções de sociabilidade do tempo presente em que se encontra, o diálogo vivo com a comunidade que interage e os espaços que cercam o seu cotidiano estará intimamente exposto aos percursos, relações e espaços da Internet.

A crônica, então, absorverá em seus limites representativos de espaço aquilo que condiz com o momento em que é produzida, pois necessita travar o diálogo direto com o leitor do tempo presente, assim como sempre exigirá os trâmites jornalísticos, dos quais ela nunca se virá livre exatamente.

Por isso, a conclusão inicial a que chego é de que o espaço literário do gênero não só retratará os caminhos do ciberespaço como, também, pela imponência da cibercultura pautando seu novo entendimento de público consumidor, direcionará, muitas vezes, o diálogo e o olhar cotidiano para as dimensões das comunidades virtuais, vendo nas redes sociais uma possibilidade dinâmica para essa nova estruturação formal.

A perda de referência local geográfica do cronista contemporâneo brasileiro pode ser nada mais do que a alteração do olhar cotidiano da sua comunidade local (referida na cidade em que vive) para o olhar cotidiano da sua comunidade virtual, na qual ele se faz atuante e traz as interações reais que tanto vibram e alimentam essa forma de texto.





No entanto, tentar delimitar esse sujeito contemporâneo pode ser uma tarefa um pouco mais complexa, pois ao mesmo tempo em que a leitura de sua nova configuração relacional é possível nas comunidades virtuais, a tal ponto das representações de seu espaço literário atingirem o texto, a falta de referência local geográfica também abre uma brecha para outras possibilidades de leitura desse sujeito.


Portanto, outras hipóteses cabíveis para a compreensão do homem contemporâneo sobre a sua perda de referência local se fazem presentes na crônica lida dos dias atuais. As duas ideias que levantarei aqui e, conseqüentemente, procurarei interpretar nos limites textuais do espaço literário do gênero em questão, são as teorias da desterritorialização e a gentrificação.

Esses dois termos estão relacionados a noções teóricas de outras áreas de conhecimento que não são a literatura, como o caso da geografia, da sociologia, da filosofia e da arquitetura, porém, é fácil encontrar reflexões sobre a desterritorialização dentro da teoria do romance, do conto e da poesia contemporânea, por exemplo, diferentemente da gentrificação.

Segundo a definição básica do *Dicionário Online Caldas Aulete* (s/a, online), a desterritorialização pode ser definida como o “ato ou efeito de desterritorializar, anular ou reduzir os limites territoriais”. Félix Guattari, um nome central na reflexão dessa condição espacial, considera que “o ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado” (GUATTARI, 1992, p.169).

Tal ato também ganha sua dimensão interpretativa na cibercultura de Pierre Levy, que entende não haver a possibilidade de construção de uma comunidade virtual “sem interconexão [...], sem virtualização ou desterritorialização” (LÉVY, 1999, p.134). A perda de referência local é, então, o impulso inicial para o desejo de construir uma sociabilidade dinâmica com pessoas de outros pontos geográficos do mundo – partindo do pressuposto da universalidade da Internet, que estende essa comunicação para qualquer distância territorial possível.

Na literatura contemporânea, as inúmeras interpretações que se encontram da desterritorialização passa pela ideia de “confronto”, pelo fato de o personagem (ou o próprio autor personificado no texto) não conseguir se sentir em casa em lugar algum na contemporaneidade, já que suas angústias o colocam em batalha direta com tudo em sua volta.




Não existe espaço local que acolha o autor com as situações que ele confronta em seu dia a dia, tornando o cotidiano uma eterna luta. Como apontarei adiante no último capítulo do trabalho, esse posicionamento de confronto – principalmente pelas temáticas políticas em pauta no momento atual da rede social em que dialogam – será fundamental para definir alguns dos cronistas analisados, que discutem e se posicionam constantemente, por meio de seus discursos contra todos os incômodos que os cercam, deixando de lado o retrato subjetivo de seu espaço local (não importa mais a leitura da rua, do bairro ou da cidade em que mora o cronista se a pauta política em discussão na comunidade virtual em que se encontra é mais importante a ser falada para criar o diálogo direto com o leitor de sua obra).

As perguntas que ficam a serem problematizadas sobre a desterritorialização aqui são: por que uma característica tão em voga nas teorias sobre a contemporaneidade não ganha reflexão no gênero literário que mais se alimenta do tempo presente? Se a crônica dialoga com os leitores de sua época e essa época está marcada pelo símbolo da desterritorialização nas produções literárias contemporâneas, onde acontece a lacuna que faz com que a crônica tenha essa leitura ignorada por estudiosos da literatura brasileira hoje?

No caso da gentrificação, a questão de perda da referência local é vista por outro caminho. Para o *Dicionário Online Caldas Aulete (s/a, online)*, trata-se de um “processo de recuperação do valor imobiliário e de revitalização de região central da cidade após período de degradação; enobrecimento de locais anteriormente populares”.

Se para a desterritorialização a palavra-chave era “confronto”, para a gentrificação preciso me debruçar em outro termo, mais precisamente, a palavra “conforto”. Sua ideia básica é, portanto, repetir padrões de construções de classes mais favorecidas em espaços que não teriam esse modelo de vivência para que, através da sensação de “conforto” que estes espaços carregam, ganhem uma revitalização de público do local.

Os paralelos com os limites territoriais do ciberespaço, principalmente com a ideologia da sociedade de rede de Manuel Castells por abranger a intenção econômica e mercadológica em sua construção, tornam-se possíveis em reflexões como a de Neil Smith, que considera que a “gentrificação e a renovação urbana representam o exemplo mais desenvolvido da rediferenciação do espaço geográfico”, pois dimensionam “a



expansão geográfica absoluta como a principal expressão espacial da acumulação de capital” (SMITH, 2007, p.19).

Como é destacado, então, nas principais discussões sobre o termo, trata-se de um fenômeno muito recorrente nas principais metrópoles, sendo o espaço da cidade grande, mais especificamente seus espaços centrais, laboratórios para obras de “modernização do espaço urbano”. O que se vê na gentrificação é, então, um caminho que, para afirmar o conforto estabelecido nos modelos mais institucionalizados de leitura arquitetônica, apaga a ideia identitária do local onde ela se impõe.

Um bairro de periferia de uma grande cidade ou uma orla marítima pode perder rapidamente suas marcas de identidade quando construções com traços legitimamente gentrificados se apresentam em suas áreas. Por isso, tenho aqui um apontamento polêmico a se fazer sobre os caminhos da crônica contemporânea: o cronista, ao apagar as demarcações locais, pode estar se preocupando em criar um “conforto” maior ao seu leitor que vem do espaço digital das comunidades virtuais, espaço este que repete as lógicas das metrópoles com os mesmos símbolos e modos de pensar a geografia, pois ela, para ter uma leitura global, vai perdendo cada vez mais suas marcações de identidade própria no intuito de ser um produto melhor, mais “confortável” aos seus usuários.

A pergunta a ser respondida é: será que o apagamento do espaço local do autor da crônica não fala muito de sua intenção de vender um produto mais “confortável” ao seu leitor do espaço digital ao não “confrontá-lo” com leituras do espaço local? E este cronista será que não apaga sua própria identidade ao tentar um discurso de “conforto” direcionado aos seus leitores?

### **Referências bibliográficas**

CALDAS AULETE. **Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete**, versão online. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/> Acesso em: 30 ago. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.



HOUAISS, Instituto Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: versão 3.0**. São Paulo: Objetiva, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SMITH, Neil. “Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano”. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 21, 2007, p. 15-31.

WERNECK, Humberto. A internet fez a crônica reviver.... **Folha de São Paulo**, São Paulo, online, 9 set. 2014.